

Uma análise do *Eu* na poesia de Luís Quintais

Msc. Máisa Medeiros Pacheco de Andrade (UFRN)

Orientador: Marta Aparecida Garcia Gonçalves (UFRN)

Resumo:

O autoconhecimento sempre foi um tema constante na poesia ao longo dos tempos. O poeta sempre se deteve em procurar por seu *Eu*, por sua essência, não sendo raras as viagens ao seu interior, em busca de si mesmo. A poesia moderna, porém, não se restringiu à indagação acerca do sentir do coração ou às angústias individuais do ser poético, frequentes no universo lírico até então. Ela foi mais além. O poeta moderno deixa um pouco de lado o seu *Eu* empírico, para se voltar ao questionamento acerca de sua função diante do mundo de alienação e instabilidade em que vive o homem contemporâneo. O presente estudo tem como objetivo apresentar uma análise do *Eu* poético na poesia contemporânea de Luís Quintais, poesia esta que possui como uma de suas temáticas predominantes reflexões acerca da realidade atual: incerta, indefinida e de difícil descrição, tendo em vista a fugacidade, a rápida mutação e a conseqüente pulverização das relações e das coisas no mundo contemporâneo. Para isso, utilizaremos como aporte teórico as reflexões de Agamben, Friedrich, Felipe Moisés, Rancière, dentre outros.

Palavras-chave: poesia, autoconhecimento, poéticas contemporâneas.

Introdução

Luís Quintais, antropólogo e professor da Universidade de Coimbra, também é reconhecido hoje como um eminente poeta, já tendo conquistado seu lugar de destaque no cenário poético contemporâneo, transitando livremente entre o campo da antropologia e da poesia, Quintais, inclusive, afirma: “meu percurso como antropólogo alimentou sempre a minha poesia. É certamente que o meu percurso como poeta ecoa também na antropologia que faço”¹. O presente trabalho, todavia, se deterá mais especificamente ao universo poético-composicional desse autor, perquirindo-se acerca da manifestação do *Eu* poético em sua distinta poesia, o que contribuirá significativamente para a compreensão do papel do poeta na contemporaneidade e como se dá o seu processo de autoconhecimento.

A mudança de perspectiva do *EU*

Durante um longo período na história, Deus foi considerado o centro do Universo e

¹ Informação retirada da entrevista “É a poesia linguagem, tão-só?”, concedida à Virgínia Boechat e publicada na Revista *Metamorfoses*, nº 09, da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros/UFRJ.

a Igreja Católica mantinha o domínio sobre a individualidade dos homens, mediante a pregação de dogmas que subordinavam os indivíduos às leis divinas. Entre os séculos XVI a XVIII, com o advento do Renascimento e do Iluminismo, mudanças significativas ocorreram nesta concepção de homem e de mundo. A Reforma foi decisiva para enfraquecer o domínio da Igreja sobre os homens, pois o protestantismo libertou os indivíduos da intermediação de sua consciência e de seu comportamento pela Igreja Católica, podendo o homem agora se dirigir diretamente a Deus. Além disso, o pensamento Renascentista e as descobertas científicas, principalmente as de René Descartes, comprovaram que Deus não era o centro do mundo, deslocando este centro para a figura do homem (sujeito cartesiano), mais questionador, preocupado em investigar e desvendar muitos dos mistérios da Natureza, anteriormente justificados pela Igreja como sendo obras divinas.

O Iluminismo, aprimorando as reflexões científico-cartesianas, fortaleceu a figura desse homem questionador, voltando todas as atenções para o Homem racional, soberano e dono de si. A racionalidade, portanto, passou a ser a principal característica do homem neste período da História, assim como a engrenagem que movia o mundo e as relações entre os seres humanos, o que foi decisivo para se firmar a noção de individualidade, entendendo-se haver uma essência universal para a humanidade, presente em cada indivíduo e responsável pela singularidade de cada ser².

Todavia, com o advento do capitalismo e da sociedade moderna, as estruturas sociais, assim como as relações entre os sujeitos, se tornaram mais complexas e a noção de homem individual e singular não pôde mais prosseguir. A razão deixou de ser considerada como o único elemento formador da identidade e o indivíduo perdeu o seu *status* de autônomo e autossuficiente, dando lugar às culturas de massa, à ideia de identidade nacional, ambas vinculadas à ideia de democracia moderna. Neste período, portanto, a identidade passou a ser formada na interação entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda mantém a sua essência interior, todavia, esta é constantemente transformada por um diálogo contínuo com o mundo e as diversas identidades que este oferece. (HALL, 2006)

Essa vinculação dos sujeitos à sociedade da industrialização e do progresso lhes proporcionou certo grau de unicidade e estabilidade, porém também foi responsável por proporcionar uma vida rotineira e sem poesia, não sabendo os indivíduos qual rumo tomar

² Reflexões a partir da leitura de: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A Editora, 2006 e de ALTHUSSER, Louis. **A favor de Marx**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

frente à realidade opressora do capitalismo e qual seu papel neste novo modelo de sociedade. O sujeito da modernidade, portanto, ao conviver com a trivialidade do progresso, em uma civilização comercializada e dominada pela técnica, se evade no mundo externo da metrópole e abandona a si próprio, tornando-se vítima apática da realidade que o circunda. (FRIEDRICH, 1978)

Com o desenvolvimento do capitalismo, do processo de globalização e da evolução tecnológica, passou-se a observar a predominância de um sujeito mais plural, composto não só de uma, mas de várias identidades, tendo em vista a relativização das distâncias e intensificação do vazio de não saber “Quem sou?” e “Qual meu papel?” frente ao mundo opressor do comércio, da técnica e do asfalto. Para este novo sujeito, portanto, predomina o sentimento de que “o que eu sou hoje não é o mesmo que fui ontem, nem o que provavelmente serei amanhã” (MOISÉS, 1996, p. 25).

A transformação do *Eu* no decorrer da História, todavia, não foi percebida apenas pela sociologia, a Literatura também foi palco para a manifestação destas mudanças, tendo em vista que, apesar do contexto social não poder ser considerado como o ponto de partida para a produção literária, não se pode negar que o poeta é um ser sensível ao mundo em que vive e às experiências vivenciadas pela humanidade, podendo assim refletir em suas obras, através do trabalho diferenciado com a linguagem, as suas impressões sobre os fatos ocorridos na sociedade e o seu papel diante desta.

O que se depreende da maioria dos testemunhos dos poetas é que, embora a função da poesia não se afaste de sua própria efetividade, a necessidade de “produzir” a poesia é um ofício que tende a ocupar um espaço entre os valores humanos. Embora não se recuse a importância do conhecimento da técnica e da constituição formal, para o poeta, o *conteúdo* de sua obra resulta do contato com o mundo e a natureza, do conhecimento de si mesmo e dos outros. (FONSECA, 2001, p. 202)

A Literatura sempre foi um meio para o poeta refletir acerca de seu verdadeiro *Eu*, procurando através da criação poética respostas para suas indagações, incertezas e dúvidas. O ser poético muitas vezes se utilizou do processo de criação para buscar seu autoconhecimento, fazendo verdadeiras viagens ao seu interior em busca de si mesmo. Durante certo tempo, esta viagem interior destinava-se a refletir acerca de suas experiências individuais e dos seus sentimentos e a demonstrar que o poeta é um ser diferenciado das demais pessoas. Esta perspectiva do *Eu* desenvolveu-se a partir do advento do Iluminismo e das ideias científico-cartesianas que, como mencionado

anteriormente, estimularam a racionalidade e o individualismo exacerbado. Com o surgimento da poesia moderna, porém, esta noção individualista do *Eu* poético modificou-se. O poeta, antes preocupado com seus sentimentos e suas experiências individuais, passou a se preocupar em descobrir quem ele realmente é. O *Eu* poético moderno emerge neste momento com a consciência da instabilidade de sua condição, frente à realidade em que vive, voltando-se para si no intuito de encontrar o sentido das coisas e a sua função no mundo. (MOISÉS, 1996)

O poeta Modernista, portanto, não se volta para paixões pessoais ou sentimentalismos, ele se concentra em si mesmo, neutralizando o seu coração e deixando o intelecto e a fantasia guiarem a produção poética, para assim expressar as feridas que acometem o mundo moderno.

[...] este homem voltado a si mesmo, quando compõe poesias, mal olha para o seu eu empírico. Ele fala em seus versos de si mesmo, na medida em que se sabe vítima da modernidade. Esta pesa sobre ele como excomunhão. Baudelaire disse, com bastante frequência, que seu sofrimento não era apenas o seu. (FRIEDRICH, 1978, p. 37).

Já o filósofo e escritor Juliano Garcia Pessanha (2009) propõe que a industrialização e o progresso até os dias de hoje ainda impõem suas consequências para a humanidade. O homem contemporâneo tronou-se refém do comércio, da técnica, das opressões do sistema capitalista e dos valores distorcidos plantados na sociedade. O indivíduo contemporâneo se encontra distanciado da realidade concreta, deparando-se com uma realidade já pronta, pré-concebida, limitando-se a ser um animal extremamente racional e um trabalhador competente, vítima da frieza do tempo e dos saberes, levando uma vida não vivida, desprovida de qualquer florescer. O homem de hoje já nasce engolido pelos tentáculos do mundo e cada gesto seu já está narrado, não encontrando brecha para que o desconhecido flua em suas veias.

Diante desta sociedade que não mais consegue enxergar o sentido interno da existência, surge a figura do poeta contemporâneo que ainda possui dentro de si um pouco de caos e sensibilidade para escrever e encontrar a intensidade sem sentido da origem das coisas. Os homens ofuscados pela luz do progresso e da ciência não conseguem mais enxergar o desconhecido e a essência da vida, o poeta contemporâneo, portanto, se diferencia dessas demais pessoas e percebe as trevas meio ao ofuscamento proporcionado por esta intensa claridade. (AGAMBEN, 2009)

Assim, o autoconhecimento na poesia contemporânea não se restringe à indagação acerca do sentir do coração ou das angústias individuais do poeta. Ele vai mais além. O poeta hodierno busca a sua função diante desse mundo de alienação e instabilidade em que vive o homem contemporâneo, se esquivando da realidade ofuscante em que este vive para assim, buscar, através da linguagem e da fantasia, caminhos que levem ao desconhecido, mesmo que essa busca seja sem rumo e vazia, com destino ao Nada.

O *Eu* em Luís Quintais

O autoconhecimento, a reflexão acerca da função do ser poeta na contemporaneidade e o papel da linguagem na busca de caminhos que aliviem o peso da realidade são temáticas constantes na poesia de Luís Quintais. Segundo o próprio autor, “a linguagem é a melhor tecnologia de reconstituição desse *entre*: entre nós e os outros, entre nós e o passado, entre nós e o presente, entre nós e o futuro”³ e sua poesia “tem muito a ver com uma reflexão sobre o papel e a natureza da linguagem e sobre a opacidade da linguagem, sobre a impossibilidade de ela em dizer o mundo e, nesse sentido, justamente, a impossibilidade de preencher o vazio, a ausência. (...) A reflexividade é uma das modalidades mais sublinhadas ao longo do meu percurso. Trata-se da poesia enquanto música do pensamento.”⁴

A poesia quintasiana, como mencionado no parágrafo anterior, utiliza-se da linguagem poética para idealizar, fantasiar, uma realidade que se afaste das situações de definhamento, captura e alienação nas quais o homem contemporâneo se encontra, sem negar a consciência da opacidade dessa linguagem, que muitas vezes se mostra impossibilitada de preencher o vazio sentido pelo homem hodierno, frente às opressões e condições de vida a ele impostas.

O poema *Flores e outras espécies sem nome* (QUINTAIS, 2002, p.20) é um bom exemplo desta busca pelo autoconhecimento do poeta contemporâneo, acompanhada pela tentativa de fuga da realidade do progresso e da técnica:

Nada na natureza tem nome.

³ Informação retirada da entrevista “*É a poesia linguagem, tão-só?*”, concedida à Virgínia Boechat e publicada na Revista *Metamorfoses*, nº 09, da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros/UFRJ, cuja referência encontra-se no final deste artigo.

⁴ Conforme entrevista concedida por Luís Quintais a Deyse dos Santos Moreira, sob o título *O mundo já acabou, o que fazer agora?*, publicada na *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Vol. 4, nº 8, Abril de 2012, referenciada ao final deste estudo.

Como se de um jardim botânico
sem indicações precisas – em latim de preferência –
se tratasse.

Lineu rir-se-ia da minha ignorância feliz –
deste conhecimento que complacente
se diverte no seu desconhecimento.

Formas, cores, a ebriedade dos cheiros,
a insensata vertigem sensitiva de um bosque,
a atmosfera vegetal de uma estufa,

as flores como sexos – são sexos? – abertos
onde perante visitas mergulho.
Atónitos ficariam se soubessem que nada na natureza –

é “natureza” este voluptuoso jogo
de se desconhecer? – tem nome. Tudo é orgânico recorte
que o herbário não contém, desequilíbrio,

sonho do indecifrável que lento se putrefaz
perante a virtuosa ignorância classificatória
em mim se animando.

Ignorância feliz, este é o termo utilizado pelo poeta para ironizar o seu distanciamento frente ao mundo subordinado à técnica e às divisões metodológicas realizadas pelas ciências naturais. No poema supracitado, o eu-lírico, *complacente*, se esquiva da sociedade do progresso, dominada pela ciência, voltando-se para a busca de uma realidade ideal que o aproxime da natureza selvagem e misteriosa, sem recortes, e, portanto, da origem das coisas, sem ignorar, porém, que a realização deste *sonho do indecifrável* pode não ser alcançada e *putrefar* lentamente.

Apesar de sua aparente regularidade, uma vez ser distribuído em seis estrofes, cada uma com três versos, o poema acima disposto não é tão regular quanto aparenta, pois é composto por versos livres, ou seja, “versos de ritmo solto cuja sílaba acentuada não se fixa em uma mesma posição e cujo ritmo varia conforme a leitura ou o leitor” (GOLDSTEIN, 2006, p. 108). O verso livre, largamente utilizado na lírica surgida a partir do Modernismo, onde não só a estrofação terá uma certa liberdade, mas o pensamento e a disposição das ideias ali apresentadas também ocorre de forma mais livre do que na poesia considerada tradicional.

O título do poema, logo de início, remete à incerteza quanto à possibilidade de se alcançar uma realidade ideal, que possibilite esse *voluptuoso jogo de se desconhecer*, pois

trata de flores e de outras espécies sem nome, ou seja, sem identidade e sem classificação. Não se pode definir com exatidão sobre o que ou a quem o poeta está se referindo, levando-se, portanto, à reflexão sobre origem das coisas e da essência humana.

Na primeira estrofe do poema, em seu primeiro verso, temos a seguinte frase: *Nada na natureza tem nome*, para o poeta, nada pode ser identificado com exatidão, nada tem nome, tudo está à disposição do imaginário e da fantasia. A aliteração do “n” ajuda a fixar a ideia de que nada tem nome, nada pode ser definido, uma vez repetir o som inicial das palavras *nada e nome*, dando a sensação de impossibilidade de se falar algo, de bloqueio da voz, de gaguez ou de mudos forçando para se expressar.

No terceiro verso, desta mesma estrofe, surge a expressão *sem indicações precisas – em latim de preferência*, que corrobora a sensação de incerteza, imprecisão quanto à identidade das coisas da natureza. Ao mencionar *em latim de preferência*, o poeta intensifica ainda mais esta dificuldade de identificação ou de definição, pois demonstra que as indicações estão em uma língua que não é de acesso fácil a todas as pessoas.

Na segunda estrofe, o poema começa mencionando Lineu, pai da Taxonomia, ciência das classificações na biologia, afirmando que caso este ainda estivesse vivo, estaria a rir do poeta que não tem o conhecimento acerca dos métodos de identificação e classificação. Ressalte-se que o poeta deixa claro que este desconhecimento não é algo que o deixa triste ou angustiado, mas, ao contrário, o deixa feliz, chegando até a se divertir, como ditas linhas acima, para ele, esta ignorância é uma *ignorância feliz*.

Na terceira estrofe, percebe-se o jogo com os sentidos, através da construção sinestésica das frases, uma vez que se faz menção às formas, cores, cheiros e a *insensata vertigem sensitiva de um bosque*. O poeta utiliza-se de palavras que despertam diferentes e simultâneas impressões sensitivas no leitor, fazendo-o ter a sensação de que se encontra em meio à natureza, entorpecido por ela e desconhecendo a si e o que o circunda.

Mais adiante, na quarta estrofe, o poeta menciona os mergulhos que faz aos sexos abertos das flores, colocando ao mesmo tempo em questão se aquilo que ele chama de sexo pode ser definido realmente como sexo. A expressão *as flores como sexos abertos onde perante visitas mergulho*, além de questionar as terminologias e divisões realizadas pelas ciências da natureza, remete a ideia de aproximação do poeta às coisas que antes não eram objeto da lírica produzida até o Modernismo. As coisas reais da vida humana, como as flores, passam a ser objeto do imaginário na poesia hodierna, ou seja, o homem se volta para si, mas também para as circunstâncias, para o ambiente que o rodeia. (ORTEGA Y

GASSET, 1991).

No final da quarta estrofe e no início da quinta, o poema insiste na afirmação de que nada tem nome, nada tem identificação, não se conhece em absoluto, inclusive a própria natureza. Sempre há a dúvida, a indagação sobre o que realmente se conhece. A utilização de perguntas no poema ajuda a intensificar esta sensação de incerteza e de falta de respostas. No último verso da quarta estrofe, novamente percebemos a repetição das palavras *nada* e *natureza*, assim como no primeiro verso da quinta estrofe a palavra *nome*, reafirmando o pensamento trazido na primeira estrofe.

Nas duas últimas estrofes, parece estar a chave do poema, pois o poeta menciona *a virtuosa ignorância classificatória* que nele vai se animando. Neste trecho confirma-se a questão do autoconhecimento e da impossibilidade de achar a realidade ideal ao se distanciar das opressões do mundo contemporâneo, todavia, tais incertezas e dúvidas não são consideradas como algo ruim, mas algo virtuoso.

O poema *Identidade* (QUINTAIS, 1999, p.11) é outro bom exemplo da reflexão do poeta sobre o seu papel no mundo contemporâneo:

Ninguém sabe quem sou,
um sinal
que no arenoso fundo
se apaga,
um gesto
que no interior das águas
se deposita.
Ninguém sabe que és,
náufrago rosto
desenhado
que à submersa luz
te condenas.

Ninguém sabe quem sou, o poema já se inicia com um dos principais questionamentos do poeta contemporâneo, descobrir “quem sou”; ninguém, nem mesmo ele, sabe sua verdadeira identidade ou qual o seu papel no mundo de hoje. A sua poesia nasce como uma reflexão acerca de seu papel na contemporaneidade e as possibilidades de transpor o profundo oceano que a realidade contemporânea depositou sobre os indivíduos.

No segundo momento do poema, o paralelismo sintático da frase *Ninguém sabe que és*, corrobora a incerteza do mundo quanto ao papel e a identidade do poeta da contemporaneidade. Como mencionado em momento anterior, o poeta hodierno se diferencia dos demais por conseguir se distanciar da realidade que o circunda e assim

enxergar a escuridão por entre a claridade que ofusca o mundo contemporâneo, regido pelo progresso e pela ciência experimental. O *náufrago rosto/ desenhado/ que à submersa luz/ te condenas* é o do poeta contemporâneo afastado da superfície opressora e alienante da contemporaneidade, mergulhado na escuridão do mar que o permite enxergar por entre as luzes, possibilidades de fuga para uma realidade mais leve e ideal, que permita o reencontro com a essência da vida.

Conclusão

Muitas mudanças ocorreram no mundo no transcorrer da História. O advento da industrialização e do progresso, assim como o desenvolvimento da ciência experimental, foram determinantes para que a vida dos indivíduos sofressem transformações profundas. O capitalismo e a técnica passaram a determinar vidas pré-moldadas, não tendo os seres humanos a possibilidade de desfrutar do desconhecido e da essência do viver. O homem da contemporaneidade não consegue se libertar do peso da realidade, perambulando como zumbi pelas cidades e se limitando apenas a alcançar o perfil determinado pelo sistema como sendo o ideal. A globalização intensificou esta alienação e o sentimento de vazio do homem contemporâneo, pois a relativização das distâncias, em função da diminuição do tempo despendido para se chegar a qualquer lugar do planeta, contribuiu ainda mais para o desenvolvimento de identidades instáveis e fragmentadas.

O poeta contemporâneo surge neste cenário refletindo acerca de qual seria o seu papel diante deste mundo opressor e qual caminho tomar para dele se distanciar e assim alcançar uma realidade desconhecida e menos banal. Desta forma, consegue mergulhar no oceano profundo que é a realidade contemporânea até se livrar da luz que aí penetra, desfrutando da escuridão para enxergar aquilo que os indivíduos da superfície não conseguem.

O *Eu poético* contemporâneo, portanto, ao buscar o autoconhecimento conduz ao refinamento da percepção da realidade, através do trabalho com a linguagem, mesmo tendo consciência de que esta linguagem opaca não será capaz de trazer respostas para os dilemas e vazios do homem de hoje. O poeta, em especial, o poeta da contemporaneidade, portanto, não se preocupa em encontrar respostas, mas ter a garantia de que sempre poderá criar e fantasiar.

A poesia de Luís Quintais é um verdadeiro mergulho às profundezas do oceano da contemporaneidade, em busca da escuridão que ali habita e que permite a reflexão sobre os

mistérios da existência e da origem das coisas. O poeta apesar de ainda se questionar sobre qual o seu verdadeiro papel no mundo, ao se distanciar da luz ofuscante da superfície consegue vislumbrar caminhos que permitam a fuga para uma realidade com mais vida, menos desgastada e oprimida por situações criadas pelo próprio homem. A linguagem na poesia quintasiana é utilizada com maestria pelo poeta na tentativa de conseguir alcançar esta tão almejada escuridão; apesar de ter a consciência de que talvez a linguagem não permita chegar até a profundidade ideal, o eu-lírico não desiste desta busca, pois para ele a fantasia e as digressões permitidas pelo uso da linguagem já o são suficientes.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ALTHUSSER, Louis. **A favor de Marx**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- FONSECA, Orlando. **O fenômeno da produção poética**. Santa Maria: EditoraUFSM, 2001.
- FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**. Tradução de Marise M. Curioni e Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons e ritmos**. São Paulo: Ática, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A Editora, 2006.
- MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia não é difícil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1996.
- ORTEGA Y GASSET, José. **A desumanização da arte**. Tradução de Ricardo Araújo. São Paulo: Cortez, 1991.
- PESSANHA, Juliano Garcia. **Instabilidade Perpétua**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- QUINTAIS, Luís. **Angst**. Lisboa: Lisbon/Livros Cotovia, 2002.
- QUINTAIS, Luís. **Umbria**. Guimarães: Pedra Formosa, 1999.
- QUINTAIS, Luís F. G. S. “**É a poesia linguagem, tão-só?**”, Revista Metamorfoses, n° 09, da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros/UFRJ, Rio de Janeiro, novembro de 2008, entrevista concedida à Virgínia Boechat.
- QUINTAIS, Luís F. G. S. “**O mundo já acabou, o que fazer agora?**”, Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 4, n° 8, Abril de 2012, entrevista concedida à Deyse dos Santos Moreira, disponível em http://www.uff.br/revistaabril/revista-08/013_Deyse%20dos%20Santos%20Moreira.pdf, acesso em 27/06/2013.

Maísa ANDRADE, Mestre em Direito e integrante do projeto de pesquisa “O Universo Composicional de Luís Quintais”.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Departamento de Letras.
maisampa@gmail.com

Marta GONÇALVES, Professora Doutora.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Departamento de Letras.
martaagg@ig.com.br